



Uma experiência metodológica para revelar o indizível: Oficina de Fuxico

Claudirene Bandini¹

Resumo Sob a orientação criativa de Professora Maria Moraes, durante o Doutorado em Sociologia, conheci a metodologia da História Oral. Com os objetivos de revelar o indizível e compreender os silêncios do mundo cultural de origem, desenvolvemos a Oficina de Fuxico, que se configurou eficaz para compreensão da (des)identificação cultural e a negação do passado anterior à conversão religiosa.

Palavras-chave: Metodologia. História Oral. Gênero. Religião. Migração.

Methodological experiment for revealing the unspeakable: Fuxico Workshop

Abstract *Under the creative guidance of Professor Maria Moraes, during my PhD in Sociology, I learned about the methodology of Oral History. With the objectives of revealing the unspeakable and understanding the silences of the cultural world of origin, we developed the gossip workshop, which proved to be effective in understanding cultural (dis)identification and the denial of the past prior to religious conversion.*

Keywords: Methodology. Oral History. Gender. Religion. Migration.

Una experiencia metodológica para revelar lo indecible: Taller Fuxico

1 Assessoria Acadêmica e Sistêmica – São Carlos – Brasil – contato@assessoriaacademica.com.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6783-7580>.

Bajo la dirección creativa de la profesora Maria Moraes, durante mi doctorado en Sociología, aprendí sobre la metodología de la Historia Oral. Con los objetivos de revelar lo indecible y comprender los silencios del mundo cultural de origen, desarrollamos el taller de chismes, que resultó eficaz para comprender la (des)identificación cultural y la negación del pasado previo a la conversión religiosa.

Palabras clave: Metodología. Historia oral. Género. Religión. Migración.

Encontro de caminhos

Não haveria outra forma de iniciar esse texto que não fosse expressando minha alegria e gratidão por ter sido aluna-pesquisadora-aprendiz da Professora Maria Aparecida de Moraes Silva. Para mim, trata-se da Querida Professora Moraes, por quem tenho tanto carinho e admiração e a alegria de conviver até os dias atuais.

A ciência se caracteriza pela produção coletiva. Ela se assemelha a uma trama de rede, na qual os “nós” podem ser os pesquisadores que, com sua dedicação e seriedade, criam diversos fios entre diferentes áreas e localidades para o avanço do conhecimento. A trajetória acadêmica da Profa. Moraes evidencia que sua conduta como Professora-Pesquisadora sempre esteve voltada para a produção de redes colaborativas, demonstrando a importância da cooperação e de parcerias significativas e, acima de tudo, provando o valor das conexões humanas para a construção do saber. Além da produção colaborativa, é possível identificar na trajetória da Professora sua força para impulsionar uma ciência aberta que promove o compartilhamento de dados e resultados, não somente para a comunidade científica, mas para uma parte da sociedade que necessita desses dados para produzir políticas públicas sérias e fundamentadas na realidade.

Certamente, partilhar a minha experiência de doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, sob a orientação da Profa. Moraes, representa uma amostra de tantos estudantes que vieram antes e depois de mim. Portanto, como tantos outros, eu também tive o privilégio de cruzar minha trajetória pessoal-profissional com a da Professora e aprender a essência da Sociologia e a importância da ética metodológica para a produção de conhecimento. Juntas, entrelaçamos os temas religião, gênero e memória por meio da riqueza da metodologia da História Oral, aventurando-nos em áreas do conhecimento que nos permitissem revelar o indizível das relações sociais.

Fios que tecem o processo de pesquisa

A pesquisa de doutorado intitulada *Costurando certo por linhas tortas: um estudo de práticas femininas no interior de igrejas pentecostais*² verificou que as possibilidades de conquista de poder das mulheres líderes de igrejas pentecostais dependiam da sinergia entre diferentes aspectos: trabalho, política, relações de classes, família e afetividades. Sob a orientação da Profa Moraes, mergulhei na pesquisa de campo a fim de verificar como as mulheres redefiniam os espaços sociais que lhes eram reservados segundo seus próprios interesses e necessidades.

Como minha orientadora de doutorado, a Profa. Moraes desempenhou um papel crucial durante a pesquisa. Além de suas indicações bibliográficas, que ampliavam meu olhar pela combinação de senso crítico e sensibilidade, em cada reunião, a Professora me ofertava um suporte intelectual e emocional sobre como conduzir a pesquisa.

A Profa. Moraes tem a habilidade de estreitar a relação com os orientandos sem impor seu conhecimento, garantindo o sucesso do desenvolvimento do aluno com a pesquisa. Seu incentivo para a troca de conhecimentos com pesquisadores de outras instituições foi fundamental para a construção de uma base sólida do meu doutorado. Além disso, a Professora sempre me auxiliou no modo como navegar pelo ambiente acadêmico, orientando-me sobre como me aproximar de pesquisadores e iniciar um diálogo a fim de conseguir *insights* e críticas sobre a pesquisa em andamento. Seus ensinamentos foram valiosos para que eu pudesse construir redes de contatos importantes, que impactaram no trabalho de pesquisa.

Vale ressaltar que, já no início de nossa relação, durante a revisão da literatura para a elaboração do projeto de pesquisa (que precisou de mais de um ano para ser aprovado pela Professora), percebi que o estudo teórico iria expandir meu conhecimento muito além do universo científico. Isso porque, ao atender cada leitura sugerida pela Profa. Moraes, eu me aprimorava como mulher, mãe, esposa e ser humano. Quando iniciei meu doutorado, eu já cumpria os papéis de esposa e mãe. Meu primeiro filho, Vitor, frequentou comigo várias reuniões coordenadas pela Professora. Certo dia, ela comentou: “*Esse menino poderia ter o lattes maior do que alguns graduandos*”. Nesse sentido, sou muito grata à

2 Tese defendida em 4 set. 2008, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, com a banca composta pelos seguintes pesquisadores: Prof. Dr. Geraldo Romanelli, Profa. Dra. Maria José Fontelas Rosado-Nunes, Profa. Dra. Célia Regina Pereira de Toledo Lucena e Profa. Dra. Maria Inês Rauter Mancuso.

Professora pela compreensão, respeito e carinho que ela sempre expressou pela minha família.

A categoria “gênero” tem sido um dos temas destacados nos estudos da Profa. Moraes. Desde a década de 1980, seu objetivo tem sido identificar e analisar os efeitos do processo de transformação social, especificamente para as mulheres migrantes trabalhadoras do campo. Seus estudos foram pioneiros ao destacar a categoria “mulher” no campo das Ciências Sociais no Brasil, como mostra seu artigo publicado, em 1988, na Revista do Migrante - Travessia, com o título *A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas às proletárias* (Silva, 1988).

Certamente, seu olhar não se limita às mulheres migrantes; suas reflexões incluem todos aqueles afetados pelo processo de perda de identidade decorrente da transformação nos espaços produtivos e reprodutivos da agricultura.

Nesse sentido, a Professora realiza uma grande contribuição aos estudos da Sociologia Rural ao abordar a nova divisão sexual do trabalho, por meio do cruzamento das categorias gênero, classe e raça/etnia, conforme argumenta no texto *Trabalho Rural: as marcas da raça*, publicado na revista Lua Nova, em 2016 (Silva, 2016). Seu olhar sensível sobre a realidade combinado com sua análise crítica possibilita compreender de que maneira a situação de degradação do trabalho rural no capitalismo contemporâneo continua permanente. Suas reflexões perpassam a exploração, a precariedade e a vulnerabilidade de trabalhadores rurais nas agriculturas do *agribusiness* no Brasil e em alguns países da América Latina.

Além das reflexões sobre a precariedade no mundo do trabalho rural e as violências exercidas sobre homens e mulheres migrantes, a Professora inova e contribui com importantes publicações no campo da metodologia qualitativa com suas criativas técnicas envolvendo o trabalho com as mãos no processo de entrevistar. Inspirando-se em autores como Heleieth Saffioti, Wright Mills, Guimarães Rosa, Pierre Bourdieu e Edward Thompson, em relação à metodologia, além de Maria Izaura Pereira de Queiróz, Paul Thompson, Marieta de Moraes Ferreira, José Carlos Meihy e estudos frankfurtianos, a Profa. Moraes se tornou reconhecida como uma das mais importantes pesquisadoras em História Oral, migração e estudos da memória.

É possível encontrar várias entrevistas publicadas com a Profa. Moraes. Cada uma enfoca um determinado tema de sua trajetória como professora-pesquisadora-socióloga: enquanto uma entrevista está centrada nos temas e autores que a influenciaram, outra destaca seu trabalho metodológico.

O significativo e amplo conhecimento teórico da Professora possibilitou situar meu doutorado dentro do contexto mais amplo da literatura existente, pois identificamos lacunas nos estudos de religião que poderiam ser exploradas também por meio do cruzamento das categorias gênero, memória e migração, contribuindo para o avanço das Ciências Sociais.

Assim, a pesquisa não concebeu a religião somente como uma prática de fé, mas como um espaço em que emergem diferentes aspectos relacionados entre si. Isso porque a religião está subsumida às outras esferas sociais, além de influenciar (e ser influenciada) na formação dos conceitos normativos sobre o “ser homem” e o “ser mulher”. Portanto, o gênero também está vinculado às normas religiosas e às ações coletivas e individuais oriundas desse espaço social. Como a religião necessita de uma memória para sobreviver, cabe ao poder religioso da memória autorizada atribuir sentido, reinterpretar e até mesmo negar o passado de seus e suas fiéis. Os conceitos normativos referentes às categorias sociais têm o propósito de interpretar o presente e, especialmente, de garantir a continuidade do grupo.

Dessa forma, a revisão da literatura para a elaboração do projeto não serviu apenas como guia para a prática investigativa, mas também para enriquecer meu pensamento analítico a fim de reconhecer o universo religioso como espaço social portador de contradições e de luta pela assimetria em relações de gênero.

Sob a orientação da Professora, analisei as histórias de vida, as práticas sociais e os projetos de algumas mulheres líderes religiosas pentecostais do estado de São Paulo que transformaram suas condições sociais, conquistando novos *status* por meio de “brechas” produzidas entre a prática pessoal e as convenções sociais. A pesquisa desconstrói a noção generalizante e essencialista da categoria “mulher”, da *natureza feminina* e os estereótipos de modelo feminino cristão que as precede, pois considera as mulheres como produtoras e reprodutoras de saberes e poderes tanto na instância individual quanto social, uma vez que ambas estão interconectadas e se influenciam reciprocamente. O estudo também verificou como o discurso religioso tenta controlar e normatizar os corpos femininos e masculinos e a maneira como a doutrina pentecostal exerce pressão simbólica desigual sobre homens e mulheres.

Desafio da criatividade metodológica

A metodologia da história oral foi refinada ao longo da trajetória da Professora por meio da relação entre os estudos de trajetórias, histórias de vida,

memórias e histórias. Na entrevista realizada, em junho de 2019, por Valéria Barbosa de Magalhães para sua pesquisa *Nordestinos em São Paulo e História Oral: Abordagem histórico-crítica*, a Professora relata que sua metodologia foi uma progressão que contou com os encontros da Associação Brasileira de História Oral para atender às necessidades que surgiam nas pesquisas de campo (Barbosa, 2023). Dessa forma, a pesquisadora Moraes passou a utilizar imagens como fonte de pesquisa, não somente como ilustração. Assim, ela começou a inserir fotografias, produzir vídeos e utilizar a técnica do desenho a fim de recuperar a memória e as lembranças que ficam invisibilizadas ao longo do processo migratório.

Como a trajetória da Profa. Moraes se destaca pela sua contribuição metodológica às Ciências Sociais, seu enfoque sempre foi o de que seus orientandos fossem criativos ao escolher uma metodologia que enriquecesse a pesquisa. Para isso, sua orientação sobre a abordagem metodológica é extremamente ampla, encorajando seus orientandos a se arrisquem no campo empírico, aplicando sua imaginação para identificar conexões importantes da vida cotidiana e suas influências sob as grandes forças sociais e históricas.

Nesse sentido, cabe destacar o livro *A Imaginação Sociológica*, de Charles Wright Mills, como referência para explorar as características necessárias de uma metodologia adequada para entender a intersecção entre a experiência individual e a sociedade mais ampla (Mills, 1965). Aprendi com a Professora que uma metodologia adequada à pesquisa possibilita descobrir intersecções “ocultas” entre a prática individual e o contexto social mais amplo. Por exemplo, como o fenômeno do divórcio ou suicídio pode parecer uma ação individual e, no entanto, trata-se de um fenômeno profundamente influenciado pelas estruturas sociais e processos históricos. O desafio da criatividade metodológica consiste em pensar de maneira inovadora e questionar as técnicas convencionais de pesquisa social.

Assim, sob a orientação (e fé) da “pesquisadora artesã”, que via em mim (mas eu não) minha capacidade de construir uma inovação metodológica, desenvolvi a Oficina de Fuxico em busca do indizível.

Por meio da construção de redes de contatos nas igrejas pesquisadas, da observação participante e da escuta atenta para identificar as diferentes trajetórias femininas, adotamos a metodologia da história oral para realizar uma investigação sobre gênero e religião baseada na cooperação, no respeito e na ética.

Ao longo do doutoramento, contei com o apoio dos membros do Grupo de Pesquisa *Terra, Trabalho, Memória e Migração*, coordenado pela Profa. Moraes. Em cada encontro do TRAMA, compartilhávamos nossos desafios e conquistas

com relação às pesquisas desenvolvidas. A troca multidisciplinar nos estimulava a ir além, e os questionamentos entre colegas enriqueciam nosso olhar sobre o próprio estudo. Participar desse grupo também me permitiu compreender os efeitos do capitalismo globalizado sobre as diferentes realidades do mundo do trabalho rural. Ao acompanhar as temáticas investigativas dos membros do Grupo, fui capaz de entender as transformações na condição do trabalho, a degradação da natureza, a modificação da cultura local e a alteração das tradições perante a produção devastadora da cana-de-açúcar, flores e laranja. Juntamente com a Profa. Moraes, tive a oportunidade de ir a campo para fotografar e entrevistar mulheres trabalhadoras da usina, da granja e da colheita da laranja. Nossos diálogos após as entrevistas enfatizavam a deterioração das condições de trabalho, a devastação da natureza, a alteração do cotidiano das famílias rurais e a maneira como as relações afetivas eram atingidas pelo modo de produção que somente visa à maximização de lucros.

A metodologia da história oral para a pesquisa qualitativa ganhou destaque após a Segunda Guerra Mundial, com o advento de gravadores portáteis. Essa abordagem permitiu capturar as narrativas pessoais e as memórias de indivíduos que vivenciaram eventos históricos significativos. Com o tempo, a história oral se expandiu para incluir uma variedade de temas, especialmente aqueles relacionados a grupos marginalizados, como mulheres, minorias étnicas e comunidades LGBTQ+. A prática se baseia na coleta de testemunhos orais, que são depois analisados e contextualizados dentro de um quadro histórico mais amplo. A história oral não apenas preenche lacunas deixadas por registros escritos, mas também enriquece o entendimento da história com experiências humanas multifacetadas. Além disso, a história oral contribui para a preservação da memória coletiva e fortalece a identidade cultural de comunidades e grupos sociais (Ferreira, 2002)

Assim, quando entrei em contato com a história oral, percebi que seria a metodologia adequada para a pesquisa, pois ela possibilitaria registrar as narrações, os silêncios, as hesitações e a linguagem gestual das entrevistadas. Iniciei a pesquisa de campo sem um método engessado, pois poderia impedir a descoberta dos discursos heterogêneos e a pluralidade de trajetórias existentes na trama das relações de poder.

Dessa forma, desenvolvi uma investigação fundamentada na estreita cooperação com as entrevistadas e estabeleci relações de confiança que me permitiram observar detalhes e obter documentos oficiais que possibilitaram uma análise isenta de generalizações (Hofstee, 2002). As técnicas da metodologia da História Oral descortinaram vivências e representações de mulheres pastoras

e esposas de pastores, dando voz às suas falas cotidianas e desconstruindo o discurso condenatório da submissão feminina no campo religioso. De fato, as mulheres investem tanto na esfera familiar quanto na social por meio de seus poderes femininos, que no plural equivalem a influências difusas e periféricas, em que as mulheres têm sua grande parcela (Perrot, 1988).

A questão migratória se tornou relevante porque as mulheres esposas de pastores estão em constantes deslocamentos impostos pela igreja ao marido; conseqüentemente, seus vínculos sociais são fragmentados, forçando-as a reconstruírem espaços de sociabilidade pessoal e familiar. Por essa razão, a combinação de técnicas foi importante para viabilizar o cruzamento de informações, constituindo um retrato mais fiel da realidade multidimensional do grupo pesquisado.

Para ir além da discussão sobre opressão e submissão feminina, a Profa. Moraes me apresentou a *metodologia do estudo das trajetórias* (Silva, 2004), que me permitiu captar instâncias de resistência e oposição das líderes evangélicas. Para isso, intercruzamos cultura – classe – raça/etnia – religião – idade – estado civil – ocupação, a fim de desvendar suas práticas de resistências cotidianas e a (re)construção de identidades que geram tensões internas na ordem estabelecida. Sob a orientação criativa da Professora, combinei diferentes técnicas da História Oral: questionário biográfico; retratos cruzados (*portraits bigraphiques*) (Battagliola, 1991); história de vida; mapas de itinerários³; e oficina. Essa combinação de técnicas foi necessária porque as trajetórias individuais⁴ se inscrevem na história familiar, na primeira socialização, por meio dos estatutos sociais.

A história familiar e a socialização inicial de um indivíduo são profundamente influenciadas pelos estatutos sociais. Desde os tempos antigos, a família tem sido vista como a primeira instituição responsável pela socialização, na qual as crianças aprendem normas, valores e comportamentos aceitos socialmente. Essa socialização primária é moldada pelos estatutos sociais, que podem variar de acordo com o contexto cultural e histórico. Em algumas sociedades, a estrutura familiar e a transmissão de poder podem ser patriarcais, matriarcais, enquanto outras buscam relações mais igualitárias.

O fato é que as condições de origem do campo familiar impactam diretamente no desenrolar da vida. O itinerário individual e o comportamento dos

3 Para a elaboração das bases cartográficas que ilustravam a correlação entre os itinerários profissionais e os deslocamentos geográficos, recebi a colaboração da colega doutoranda e participante do Grupo de Pesquisa, além de mestra em Geografia, Beatriz Melo.

4 Não existe um projeto individual “puro”, ou seja, sem referência ao outro. Cada projeto é elaborado e construído em função das experiências socioculturais, da estrutura de vivência e das interações estabelecidas no tecido social (Velho, 1980).

indivíduos no campo profissional, bem como suas estratégias de sobrevivência, estão enraizadas na vida familiar.

Durante o trabalho empírico, surgiu o desafio metodológico para descortinar algumas vivências e representações do mundo de origem das entrevistadas. Por isso desenvolvi a técnica de oficina de fuxico, com base na premissa de que as imagens do passado não são produtos do imaginário. Elas contêm elementos comuns vividos coletivamente.

Primeiros enlaces da oficina

Mais uma vez, a Professora me desafiou com suas referências bibliográficas, como as leituras de Benjamim, Halbwachs, Pollak e Proust.

Maurice Halbwachs (2006), renomado sociólogo e filósofo francês, auxiliou-me com sua teoria da memória coletiva. Para o autor, a memória é mais que um processo individual. Trata-se de uma construção profundamente influenciada pelos grupos sociais aos quais pertencemos. Desse modo, as lembranças são reconstruídas dentro de um contexto social e são moldadas pelas interações com outros membros da sociedade. Essa perspectiva foi fundamental para entender como as entrevistadas recordam e dão sentido ao passado coletivo.

Uma das formas de revelar os elementos identitários negados mediante um novo *ethos* religioso foi trabalhar com a memória subterrânea baseada nos estudos do sociólogo e historiador Michael Pollak (1989; 1992), que contribuiu significativamente para a compreensão da memória social, enfatizando como os fatos sociais se tornam pontos de referência que indicam a memória coletiva do grupo. De acordo com Pollak, a memória não é apenas uma recordação passiva do passado; é uma operação ativa que ajuda a definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades. Pollak também abordou o papel do esquecimento e do silêncio dentro da memória coletiva, sugerindo que o silêncio sobre o passado não é necessariamente um esquecimento; ele pode representar uma forma de resistência aos discursos dominantes. Como a memória é espacial e social, os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencente, no imaginário, tomam tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível saber se a pessoa participou mesmo ou não do acontecimento. Estudos de Pollak me auxiliaram a compreender que é possível, por meio da socialização histórica, criar um fenômeno de projeção ou de identificação tão forte com determinado passado que pode se chamar de “memória quase que herdada”.

Outra referência fundamental foi Marcel Proust, um dos mais renomados escritores do Século XX, associado com o conceito de memória involuntária, aquela que surge espontaneamente, sem esforço consciente, muitas vezes desencadeada por um estímulo sensorial, como o famoso episódio da madeleine na obra *Em Busca do Tempo Perdido*. O narrador do episódio da madeleine estava mergulhado em melancolia e decide tomar uma xícara de chá com madeleine, típico bolinho francês em forma de concha. Ao levar à boca um pedaço do bolinho mergulhado em chá, ocorre algo mágico que arrebatava o narrador, pois ele vive a sensação de voltar para sua infância em tempos distantes e esquecidos. O bolinho é como um portal que o retira do tempo presente, levando-o ao passado sem as preocupações da vida cotidiana. O narrador se sente ligado a algo maior que o transcende no tempo e no espaço.

Esse episódio da madeleine ficou imortalizado na literatura de Marcel Proust como uma poética demonstração do poder que possui a memória involuntária: uma viagem sensorial e emocional capaz de revelar a capacidade dos sentidos e evocar memórias esquecidas. Na pesquisa, Proust me auxiliou a compreender como as lembranças e a reflexão sobre o tempo e a memória definem a identidade. A memória sensitiva é poderosa porque permite a vivência intensa do passado, anulando as distâncias temporais e criando uma ponte entre momentos distintos da vida. Proust (1988) revela a complexidade da memória ao entrelaçar experiências pessoais, arte e percepção, sugerindo que a memória não é apenas um registro do passado, mas uma força ativa que molda a percepção com o mundo. A memória sensitiva esteve presente nas lembranças dos sabores dos doces caseiros feitos pela família e na alegria das danças nas festas religiosas e nas culinárias típicas compartilhadas nos tempos da juventude.

Para a realização da oficina, também contei com a inspiração do filme *Colcha de Retalhos*, de 1995. Com o título original *How to Make an American Quilt*, dirigido por Jocelyn Moorhouse e baseado no romance de Whitney Otto, o filme segue a história de Finn Dodd (interpretada por Winona Ryder), uma jovem estudante que, enquanto elabora sua tese e se prepara para se casar, passa o verão na casa da avó. Nesse período, ela se envolve com as histórias das amigas da avó, que estão criando uma colcha de retalhos como presente de casamento. Cada pedaço da colcha é acompanhado por relatos de amor, perdas e lições aprendidas. O filme é uma celebração da arte de contar histórias e da beleza encontrada na tapeçaria da vida humana.

Dessa forma, a perspectiva metodológica foi ganhando forma na trama entre projeto, identidade e memória. Precisávamos de um caminho para revelar o indizível porque percebemos que as lembranças (acontecimentos, lugares e

pessoas) do mundo de origem se perdiam por efeito da conversão religiosa e do desenraizamento sociocultural forçado pelas igrejas.

Após meses de preparativos, a oficina foi realizada com mulheres pentecostais no município de Araraquara, interior de São Paulo. Adotamos o fuxico por ser um trabalho com as mãos que representa o *habitus* específico regulado pela cultura de origem e pela produção coletiva das mulheres participantes.

Para desenvolver essa técnica, contei com a experiência da Profa. Moraes, que já havia realizado uma oficina de argila com os assentados do Bela Vista. Esse trabalho foi publicado no livro *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais* (Silva, 2005) e evidenciou que os silêncios não são esquecimentos, mas uma forma de estratégia de resistência, já que as constantes migrações tornam o barro e a terra culturalmente desvalorizados, resultando na negação de suas origens.

Tecendo as lembranças na Oficina de Fuxico

A oficina foi um momento no qual a memória individual e a coletiva puderam ser recuperadas, e as lembranças, reconfiguradas. Juntas, as mulheres relembrou que, quando crianças, já costuravam toucas, sapatos e roupas de bebês, porque aprenderam com suas mães, avós ou vizinhas. Elas recordaram a máquina de costura utilizada pelas suas mães e avós para remendar os retalhos e confeccionar os acolchoados usados durante o inverno. Uma participante relata suas caminhadas pela fazenda para colher paina, que seria utilizada como enchimento de acolchoados e travesseiros. Como lembrar é um trabalho coletivo, as demais também lembraram dos momentos em que se fazia a colheita de palha de milho e de grama para a confecção de colchões. Todas aprenderam o fuxico na infância e utilizaram esse aprendizado quando se tornaram mães, tanto para fabricar brinquedos quanto para enfeitar roupas e objetos.

Como a religião necessita de uma memória para sobreviver, cabe ao poder religioso da memória autorizada atribuir sentido, reinterpretar e até mesmo negar o passado de seus fiéis. Os conceitos normativos referentes às categorias sociais têm o propósito de interpretar o presente e, especialmente, de garantir a continuidade do grupo.

As mãos foram unindo os retalhos e as lembranças que estavam perdidas no tempo. O coração de fuxico uniu pontos em comum, transformando as memórias individuais em uma unidade forte e significativa. Cada lembrança individual ligava as demais em uma *memória coletiva* (Halbwachs, 2006). Os fios das lembranças teciam os sentimentos, as imagens do passado, a lembrança

Fonte: Brinquedo de infância lembrado e confeccionado pelas participantes durante a Oficina de fuxico, 2007



Fonte: Coração confeccionado pelas mulheres no final da Oficina de Fuxico, 2007



Enquanto narravam suas histórias, confeccionaram um coração de fuxico combinando as cores de retalhos.

de uma pessoa há tempos ausente e tantas outras experiências vividas. A oficina da memória foi se desenvolvendo espontaneamente enquanto elas reuniam seus retalhos coloridos às suas lembranças surpreendentes e compartilhavam as lutas pela superação de acontecimentos sociais e pela continuidade ao projeto individual.

A Oficina de Fuxico também possibilitou que relembassem com saudades fatos do tempo da roça, da infância e da juventude. Porém, alguns aspectos do momento presente foram valorizados frente ao excesso de controle e opressão da família de origem; por exemplo, elas relataram o prazer da liberdade de transitarem sem a obrigatoriedade de serem acompanhadas por uma

figura masculina. Também relataram atividades cotidianas que compreendemos como formas de construção da individualidade e autonomia no mundo urbano contemporâneo. Estimuladas pelo trabalho entre mãos, olhos e alma (Benjamin, 1987), as lembranças foram aflorando enquanto revelavam as novas sociabilidades e as mudanças no universo feminino.

Por intermédio de uma *memória seletiva* (Pollak, 1989), elas reconstruíram o mundo rural no qual pessoas foram revisitadas em um desencadear de tempo e espaço compartilhados. O fazer coletivo do fuxico permitiu reconstruírem um caminho para o enraizamento social, a ponto de uma das participantes reconhecer a *memória envergonhada* (Pollak, 1989) que possuía em relação às atividades que associavam a existência de marcas indígenas em sua avó.

A Oficina de Fuxico possibilitou que as participantes relembressem acontecimentos, lugares correspondentes à *memória coletiva* de um mundo rural marcado por sabores e afetividades, como, por exemplo: as conversas durante a lavagem de roupa na beira do rio; a batalha pelo equilíbrio da lata d'água na cabeça; o calor do fogão a lenha; o barulho do colchão de palha; a maciez do colchão e travesseiros de paina e pena; o sabor das frutas silvestres (marolo, peúna, araçá, casaca); as brincadeiras no campo de futebol; a sociabilidade nas festas religiosas (quermesses); os ritmos das músicas; e as sensações das relações amorosas vividas nesse tempo.

A representação era de um mundo com abundância de sociabilidade entre a grande família e a vizinhança e de um particular contato com a natureza (com a terra, árvores frutíferas, riachos). As lembranças compartilhadas na oficina apontam que as imagens do passado (comida, festas, natureza, relacionamentos) foram confrontadas continuamente com as práticas atuais, evidenciando como a reconstrução de identidades perpassa as categorias de gênero, religião e geração.

Finalizando a trama

Enquanto, por um lado, a religião congrega os indivíduos, fornecendo-lhes uma solidariedade e um referencial comum para a construção da identidade coletiva religiosa, por outro ela, ela nega as lembranças de uma memória individual e os elementos constituintes de identidade individual construídos anteriormente. A religião seleciona o que deve e não deve ser aglutinado para dar continuidade à memória coletiva do grupo religioso. O passado rural e urbano integra a *memória coletiva* de grande parte dos praticantes da religião

pentecostal. Logo, o ato de lembrar, falar de si, testemunhar pode fazer desaparecer as lembranças de um passado cuja religião do tempo presente tenta apagar e negar.

Costurando os fuxicos, elas recriaram as bases de uma memória individual que reforçaram o sentimento de pertencimento social, de um “nós” cujas experiências podem ser vividas e transmitidas. A interação entre mãos e retalhos estimulou a narração porque associou aquela que narra com sua matéria de trabalho, reforçando o trabalho da memória e os laços sociais.

Na Oficina de Fuxico, aconteceu um tipo de *metamorfose*, cujo foco da transformação foi a busca pela reconstrução contínua de si mesma, pois tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Por possuírem representações e categorias comuns e interagirem no mesmo contexto social, elas conseguiram compartilhar lembranças e reconstruir *projetos individuais*.

Mais do que sociabilidade, encontros coletivos como a oficina podem ser configurados como espaços de empoderamento, pois a percepção individual fortalece a autoconfiança e o sentimento de pertencimento. Nesse sentido, o estudo utilizou o conceito de empoderamento como “instrumento de intervenção da realidade” (Lorio, 2002), isto é, como práticas sociais que permitem e estimulam a participação e a inserção de mulheres no espaço religioso. Esse conceito auxiliou na interpretação de práticas nas quais as mulheres líderes criam oportunidades para as seguidoras desenvolverem, primeiro, o empoderamento psicológico (autoestima, autoconfiança, autorrespeito) para, em seguida, desenvolver o empoderamento social na luta pelo capital cultural, pela equidade de poder e legitimidade no espaço religioso. O empoderamento psicológico foi adotado como a percepção individual de força e presença manifestadas por meio de um comportamento de autoconfiança. Assim, ele pode ser entendido como um “processo que tem origem dentro das pessoas, no seio das comunidades e que não pode ser pensado de cima para baixo, nem de fora para dentro” (Romano, 2002). Por conta disso, a resistência é vital para as relações femininas de poder, porque proporciona a sustentação necessária mediante as palavras e comportamentos de opressão. Não poderia deixar de mencionar que a educação também faz parte do processo de empoderamento: quanto mais longa a trajetória educacional, maior a capacidade das mulheres tomarem consciência da ideologia operante e dos instrumentos sistemáticos que as mantêm incapazes de decidir e reagir às condições sociais desfavoráveis.

Saber o que fazer com cada retalho é uma construção individual e coletiva. O poder da transformação pode surgir como um retalho insignificante que, costurado aos demais, contribui para a formação de uma grande rede que tece

uma vida inteira. Na oficina, as mulheres pentecostais reviveram o passado sem travas religiosas e o indizível se tornou dizível. Porém, parte do indizível permanece indizível como o forro que cobre o avesso do fuxico.

Ponto corrente...

Sou muito grata à Professora Moraes, pois, sob sua orientação, compreendi que a costura, uma arte que acompanha a humanidade há milênios como elo entre gerações e culturas, pode se tornar uma técnica de pesquisa fundamental para análise de trajetórias e estudos da memória. Percebi que um ponto não apenas une tecidos, mas une também histórias e memórias, despertando a reflexão sobre a jornada pessoal, familiar e profissional de cada indivíduo.

A memória coletiva de mulheres frequentemente é tecida por meio das narrativas compartilhadas que entrelaçam suas atividades cotidianas. As histórias de vida, muitas vezes passadas de geração em geração, são ricas em experiências e sabedoria. Enquanto costuram os retalhos, as mulheres refletem não apenas as trajetórias pessoais, mas também os contextos culturais e sociais em que estavam e estão inseridas. A costura, em particular, serve não só como uma metáfora para a construção da memória coletiva. Essa atividade tem potencial de viabilizar uma experiência em que cada ponto pode representar um momento significativo, uma lição aprendida ou uma tradição preservada. Essas narrativas foram fundamentais para comprovar a importância de práticas sociais que mantenham as mulheres unidas a fim de reconhecer e celebrar suas conquistas e contribuições ao longo da história individual e coletiva da igreja.

Enquanto as memórias individuais foram ordenadas e interpretadas pela história oral, o silêncio não foi considerado como um mero esquecimento, mas como uma estratégia para gerir a memória coletiva que possui camadas profundas da história da sociedade.

Para compreender o silenciamento das mulheres pesquisadas, foi necessário conhecer suas memórias subterrâneas, aquelas que desafiam o discurso oficial por meio de uma dinâmica oculta que possibilita, em alguma medida, a preservação de eventos, fatos, pessoas e lugares na consciência coletiva. Essa memória possui uma força ativa que pode ser compreendida como ferramenta de resistência, pois molda a compreensão do presente e influencia o futuro, permitindo que histórias marginalizadas sejam contadas e reconhecidas.

Assim como o “ponto corrente” forma uma linha contínua, a trajetória de vida é uma sequência de eventos e experiências que moldam a identidade e

habilidades do indivíduo. Nesse momento, a costura passa a ser vista como uma metáfora para a vida, em que cada ponto representa um momento significativo na trama da existência humana.

Referências

- BATTAGLIOLA, Françoise; BERTAUX-WIAME, Isabelle; FERRAND, Michèle e IMBERT, Françoise. *Dire sa vie! Entre travail et famille: La construction social des trajectoires*. Paris, CSU, 1991.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*. Rio de Janeiro, n. 6, 2003, pp. 9-25.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2006.
- HOFSTEE, Willem. Pequenos fatos e grandes questões. *Imaginário*. São Paulo, n. 8, 2002, pp. 141-148.
- LORIO, Cecília. Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de Direitos. In: ROMANO, Jorge e ANTUNES, Marta (orgs.). *Empoderamento e DIREITOS no combate à pobreza*. Rio de Janeiro, ActionAid Brasil, 2002, pp. 21-44.
- MAGALHÃES, Valeria Barbosa de. Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*. São Paulo, v. 2, n. 30, 2023, pp. 522-549. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/64464>. Acesso em: 1 maio 2024.
- MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- OCADA, Fabio Kazuo e MELO, Beatriz Medeiros de. Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. *Revista Nera*. São Paulo, n. 12, 2012, pp. 117-136. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1404>. Acesso em: 1 maio 2024.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, pp. 167-213.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. 8. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1988.
- ROMANO, Jorge e ANTUNES, Marta (orgs.). *Empoderamento e DIREITOS no combate à pobreza*. Rio de Janeiro, ActionAid Brasil, 2002.

- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas às proletárias. *TRAVESSIA: Revista do Migrante*. São Paulo, v. 1, n. 1, 1988, pp. 9-15. DOI: 10.48213/travessia.11.1. Disponível em: <https://revistatravessia.com.br/travessia/article/view/1>. Acesso em: 1 maio 2024.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Se eu pudesse, eu quebraria todas as máquinas. In: ANTUNES, Ricardo e SILVA, Maria Aparecida de Moraes (orgs.). *O Averso do Trabalho*. São Paulo, Expressão Popular, 2004, pp. 29-77.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Das Mãos à Memória. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia e NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. São Paulo, EDUSC, 2005.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho Rural: as marcas da raça. *Lua Nova*. São Paulo, n. 99, set.-dez. 2016, pp. 139-167.
- SCHIMIDT, Maria Luísa. O passado, o mundo do outro e o outro mundo: tradição oral e memória coletiva. *Imaginário*. São Paulo, n. 2, 1995, pp. 89-100.
- VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em Sociedades Complexas. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1980, pp. 27-56.

Recebido em: 24 de abril de 2024

Aprovado em: 02 de maio de 2024

Como citar este artigo:

BANDINI, Claudirene. Uma experiência metodológica para revelar o indizível: Oficina de Fuxico. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.14, p. 1-17, e141315, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14244/contemp.v14.1315>